

# antes de eu partir

paul kalanithi

Tradução de Teresa Carvalho



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Os acontecimentos descritos baseiam-se na memória do Dr. Kalanithi de situações do mundo real. Contudo, os nomes de todos os doentes discutidos neste livro — se mencionados de todo — foram alterados. Além disso, em cada um dos casos médicos descritos, pormenores identificadores — tais como idade, sexo, etnia, profissão, relações familiares, locais de residência, historial médico e/ou diagnóstico — foram alterados. Com uma exceção, os nomes dos colegas, amigos e médicos cuidadores do Dr. Kalanithi foram igualmente alterados. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, resultante de alterações a nomes ou pormenores de identificação é pura coincidência e não intencional.



*Para Cady*



Tu que buscas o que é a vida na morte,  
Ora encontras ar que outrora foi alento.  
Novos nomes desconhecidos, velhos nomes idos:  
Corpos, mas não almas, no tempo finitos.  
    Leitor! faz pois do tempo, enquanto existes,  
    Meros passos para a tua eternidade.

— FULKE GREVILLE, BARÃO BROOKE, «CAELICA 83»



## Í N D I C E

Prefácio: <i>Abraham Verghese</i>	15
Prólogo	25
Primeira Parte: <i>De Perfeita Saúde Começo</i> <sup>1</sup>	39
Segunda Parte: <i>Que Só a Morte Me Faça Parar</i> <sup>1</sup>	115
Epílogo: <i>Lucy Kalanithi</i>	179
Agradecimentos	201

---

<sup>1</sup> *In Song of Myself — Canto de Mim Mesmo*, de Walt Whitman, tradução de José Agostinho Baptista, Editora Assírio & Alvim. (N. da T.)



P R E F Á C I O

*Abraham Verghese*





O corre-me, ao escrever isto, que o prefácio deste livro acaso fosse mais indicado como posfácio. Pois em se tratando de Paul Kalanithi, todo o sentido do tempo é invertido. Para começar — ou, porventura, para acabar — apenas conheci Paul após a sua morte. (Tenham lá paciência comigo.) Conheci-o mais intimamente quando ele já não existia.

Travei conhecimento com ele numa tarde memorável em Stanford, em princípios de fevereiro de 2014. Ele acabara de publicar um editorial independente no *The New York Times* intitulado «Quanto Tempo Me Resta?», ensaio que viria a suscitar uma resposta esmagadora, uma avalanche por parte dos leitores. Nos dias subsequentes, espalhou-se exponencialmente. (Sou especialista em doenças infecciosas, perdoem-me, pois, por não usar o termo *viral* como metáfora.) No rescaldo disso, ele pedira para

vir ter comigo, conversar, aconselhar-se sobre agentes literários, editores, o processo de publicação — tinha o desejo de escrever um livro, *este* livro, o livro que o leitor tem agora nas mãos. Recordo-me do sol coando-se através da magnólia junto à janela do meu gabinete e iluminando esta cena: Paul sentado diante de mim, as suas belas mãos por de mais quietas, a sua farta barba de profeta, aqueles olhos negros avaliando-me. Na minha memória, o quadro tem o seu quê de Vermeer, uma nitidez de câmara escura. Lembro-me de pensar, *Tens de te lembrar disto*, porque o que na retina me caía era precioso. E porque, no contexto do diagnóstico de Paul, tive consciência não só da sua mortalidade, como da minha.

Falámos sobre muita coisa nessa tarde. Ele era chefe de internato de neurocirurgia. Os nossos caminhos ter-se-iam provavelmente cruzado em determinada altura, mas que nos lembrássemos, não tínhamos tido nenhum doente em comum. Contou-me que estudara Inglês e Biologia na Universidade de Stanford, e que depois ali permanecera para um mestrado em Literatura Inglesa. Falámos do seu amor de toda a vida pela escrita e leitura. Impressionou-me como quão facilmente ele poderia ter sido professor de Inglês — e, de facto, parecia ter rumado nessa direcção em determinada altura da sua vida. Mas então, tal como o seu homónimo no caminho para Damasco, sentiu o chamado. Tornou-se médico em vez disso, mas um médico que sempre sonhou voltar de alguma forma à literatura. Um livro, talvez. Um dia. Julgou ter tempo, e porque não? E, contudo, agora tempo era exactamente a coisa que mais lhe faltava.

Lembro-me do seu sorriso retorcido e gentil, com o seu quê de travesso, embora o rosto estivesse magro e descarnado. Fora deixado de rastos pelo cancro mas uma nova terapia biológica

produzira uma boa resposta, permitindo-lhe olhar um pouco em frente. Disse que na Faculdade de Medicina partira do princípio de que seria psiquiatra, e que em vez disso se apaixonara pela neurocirurgia. Fora bem mais do que um apaixonar-se pelas complexidades do cérebro, bem mais do que a satisfação de treinar as mãos para cumprir feitos incríveis — fora um amor e empatia pelos que sofriam, pelo que eles passavam e pelo que ele lhes poderia valer. Não creio que me tivesse contado isto, devendo eu ter tido conhecimento desta sua qualidade através de alunos meus seus acólitos: a sua feroz crença na dimensão moral do seu trabalho. E depois falámos da sua morte iminente.

Após esse encontro, mantivemos contacto por *email*, mas nunca mais nos tornámos a ver. Não foi tão-só o meu simples desaparecimento para o meu mundinho de prazos apertados e responsabilidades, como também o profundo sentimento de que me cabia respeitar o seu tempo. Era com Paul, se me quisesse ver. Senti que a última coisa de que ele precisava era da obrigação de atender a uma nova amizade. Mas pensava muito nele, todavia, e na sua mulher. Queria perguntar-lhe se estava a escrever. Estaria a arranjar tempo? Durante anos, como médico afadigado, eu lutara para arranjar tempo para escrever. Queria dizer-lhe que um escritor famoso, lastimando-se deste eterno problema, me dissera certa vez, «Se eu fosse neurocirurgião e anunciasse que tinha de deixar os meus convidados para ir fazer uma craniotomia de urgência, ninguém diria uma palavra. Mas se dissesse que tinha de deixar os convidados na sala para ir lá para cima *escrever...*» Interrogava-me se Paul teria achado o episódio engraçado. Afinal de contas, *ele* podia de facto dizer que ia fazer uma craniotomia! Era plausível! E em vez disso poderia ir escrever.

Enquanto Paul estava a escrever este livro, publicou um

curto e notável ensaio na *Stanford Medicine*, num número dedicado à noção do tempo. Eu tinha um ensaio meu no mesmo número, o meu artigo justaposto ao dele, embora só viesse a saber do seu contributo quando a revista me chegou às mãos. Ao ler as suas palavras, tive um segundo e mais profundo vislumbre do que fora uma simples insinuação no editorial do *The New York Times*: a escrita de Paul era simplesmente espantosa. Poderia ter escrito sobre qualquer coisa, e teria sido igualmente poderoso. Mas ele *não* escrevera sobre qualquer coisa — escrevera sobre o tempo e sobre o que ele significava para si agora, no contexto da sua doença. O que tornava tudo tão incrivelmente pungente.

Mas é isto que não posso deixar de frisar: *a prosa era inesquecível*. Da sua pena corria ouro.

Li e reli várias vezes o artigo de Paul, tentando perceber o que lograra ele realizar. Primeiro, era musical. Tinha ecos de Galway Kinnell, quase um poema em prosa. («Se um dia acontecer / dares contigo e alguém que amas / num café de um dos lados / da Ponte Mirabeau, no balcão de zinco / onde o vinho se destaca em altos copos de balão...»), para citar uns versos de Kinnell, de um poema que o ouvi certa vez declamar numa livraria em Iowa City, sem nunca baixar os olhos para o papel.) Mas tinha igualmente um sabor de algo mais, algo de uma terra ancestral, de um tempo anterior a balcões de zinco. Ocorreu-me finalmente uns dias mais tarde quando de novo peguei no seu ensaio: a escrita de Paul era reminiscente da de Thomas Browne. Browne escrevera *Religio Medici* na prosa de 1642, com todos os seus arcaísmos. Quando jovem médico, eu era obcecado por esse livro, aferrado a ele como um agricultor que tenta secar um pântano que o seu pai antes dele não conseguira secar. Era uma tarefa vã, e contudo eu desesperava por apurar os seus segredos,

pondo-o de lado frustrado, e de novo lhe pegando, incerto de que tivesse fosse o que fosse para mim mas, ao entoar as palavras, pressentindo que tinha. Sentia que me faltava algum recetor crítico para que as letras cantassem, transmitissem o seu sentido. Permanecia obscuro, por mais que eu tentasse.

Porquê?, perguntará o leitor. Porque perseverei eu? Quem quer saber de *Religio Medici*?

Bem, queria o meu herói saber, William Osler, aí está quem. Osler foi o pai da medicina moderna, um homem que morreu em 1919. Ele adorava o livro. Tinha-o na mesa de cabeceira. Pedira para ser enterrado com um exemplar de *Religio Medici*. Palavra de honra, não percebia o que via Osler nele. Após muitas tentativas — e após algumas décadas —, o livro revelou-se-me por fim. (Ajudou que uma edição mais recente tivesse termos modernos.) O truque, descobri, era lê-lo em voz alta, o que tornava a cadência inescapável: «Carregamos connosco as maravilhas, que buscamos fora de nós: África inteira e os seus prodígios, estão em nós; nós somos esse ousado e aventureiro pedaço de natureza, que aquele que estuda, avisadamente aprende num compêndio, o que outros labutam num pedaço dividido e interminável volume.» Quando o leitor chegar ao último parágrafo do livro de Paul, leia-o em voz alta e ouvirá essa mesma longa estrofe, a cadência cujo compasso julgará poder marcar com o pé... mas, tal como com Browne, ficará aquém. Paul, ocorreu-me, era Browne revivido. (Ou dado que o tempo que avança é ilusão nossa, talvez fosse Browne Kalanithi revivido. Pois, é de deixar a cabeça à roda.)

E então Paul morreu. Compareci no seu memorial na igreja de Stanford, um espaço deslumbrante onde vou frequentemente quando está vazio para me sentar a admirar a luz, o silêncio, e

onde sempre me sinto renovado. Estava apinhada para a cerimónia. Sentei-me numa ala à parte, escutando uma série de histórias comoventes e por vezes roufenhas dos seus amigos mais chegados, do seu pastor, e do seu irmão. Sim, Paul fora-se, mas, estranhamente, senti que começava a conhecê-lo, para além daquela sua visita ao meu gabinete, para além dos poucos ensaios que ele escrevera. Ele tomava forma nessas histórias contadas na Igreja Memorial de Stanford, a sua elevada cúpula de catedral o espaço adequado para recordar este homem cujo corpo estava agora na terra mas que, não obstante, estava tão palpavelmente *vivo*. Tomava forma na figura da sua adorável mulher e filhinha bebé, nos seus pais e irmãos chorosos, nos rostos de legiões de amigos, colegas e antigos doentes que enchiam aquele espaço; estava presente na receção mais tarde, num espaço ao ar livre onde tantos se juntaram. Vi rostos de aparência tranquila, sorridentes, como se houvessem testemunhado algo profundamente belo na igreja. Talvez o meu rosto assim estivesse também: encontráramos sentido no ritual de uma cerimónia, no ritual da homenagem, nas lágrimas partilhadas. Havia mais sentido latente nesta receção, onde saciámos a sede, alimentámos o corpo e falámos com completos estranhos a quem estávamos intimamente ligados através de Paul.

Mas foi só quando recebi as páginas que o leitor tem agora nas mãos, dois meses após a morte de Paul, que senti que o conhecia finalmente, que o conhecia melhor do que se tivesse tido a bênção de lhe chamar amigo. Depois de ler o livro que o leitor está prestes a ler, confesso que me senti inadequado: havia uma honestidade, uma verdade na escrita que me tirou o fôlego.

Apronte-se. Sente-se. Veja ao que soa a coragem. Veja quão bravo é revelar-se assim desta forma. Mas, acima de tudo, veja

o que é viver ainda, profundamente influenciar as vidas alheias depois de nos termos ido, com as nossas palavras. Num mundo de comunicação assíncrona, onde tão frequentemente nos enteramos nos nossos ecrãs, o nosso olhar cravado nos objetos retangulares que nos zunem nas mãos, a nossa atenção consumida por coisas efémeras, pare e experiencie este diálogo com o meu jovem colega que partiu, agora intemporal e existente na memória. Escute Paul. Nos silêncios entre as suas palavras, escute o que tem o leitor a dizer de volta. Aí jaz a mensagem dele. Eu captei-a. Espero que o leitor a vivencie, também. É uma dádiva. Não seja eu a interpor-me entre o leitor e Paul.



## PRÓLOGO





Webster, possesso pela morte,  
via, detrás da pele, os crânios;  
riam sem lábios, reclinando-se  
sem tórax, seres subterrâneos.

— T. S. ELIOT, «SUSSURROS DE IMORTALIDADE»<sup>2</sup>

Passei as tomografias uma a uma, o diagnóstico óbvio: os pulmões estavam maculados de inumeráveis tumores, a espinha deformada, todo um lóbulo do fígado obliterado. Cancro, amplamente disseminado. Eu era interno de neurocirurgia a iniciar o meu último ano de formação. Ao longo dos últimos seis anos, examinara dezenas de tomografias idênticas, na remota eventualidade de que determinado procedimento pudesse beneficiar o doente. Só que esta tomografia era diferente: era minha.

Não estava na sala de radiologia, usando o meu pijama cirúrgico e bata branca. Envergava uma bata de doente, estava ligado a um acesso intravenoso, e usava o computador que a enfermeira deixara no meu quarto de hospital, com a minha mulher, Lucy,

---

<sup>2</sup> *In Poesia Alheia*, tradução e organização de Nelson Ascher, Imago Editora. (N. da T.)

internista, ao meu lado. Revi cada sequência: a janela pulmonar, a janela óssea, de cima a baixo, da esquerda para a direita, da frente para trás, tal como fora ensinado a fazer, como se pudesse encontrar algo que alterasse o diagnóstico.

Deitámo-nos juntos na cama de hospital.

Lucy, baixinho, como que lendo um guião:

— Achas que há alguma possibilidade de ser outra coisa qualquer?

— Não — disse eu.

Apertámo-nos um contra o outro, como jovens namorados. No último ano ambos suspeitámos, mas recusámo-nos a acreditar, ou sequer a discutir, que um cancro crescia dentro de mim.

Cerca de seis meses antes, eu começara a perder peso e a ter ferozes dores de costas. Quando me vestia de manhã, apertava o cinto um, e depois dois furos mais. Fui consultar a minha médica de clínica geral, uma antiga colega de turma de Stanford. O irmão dela morrera repentinamente durante o internato de neurocirurgia, depois de ignorar sinais de uma virulenta infeção, pelo que ela passara a vigiar maternalmente a minha saúde. Quando cheguei, no entanto, encontrei outra médica no seu gabinete — a minha colega estava de licença de maternidade.

Envergando uma fina bata azul sobre uma marquesa fria, descrevi-lhe os sintomas. — Claro — disse eu — que se isto fosse uma pergunta do exame de qualificação, homem de trinta e cinco anos com inexplicável perda de peso e recém-instalada dor de costas, a resposta óbvia seria (C) cancro. Mas talvez esteja apenas a trabalhar de mais. Não sei. Gostava de fazer uma ressonância magnética para ter a certeza.

— Acho que devemos fazer raios-X primeiro — disse ela.

Ressonâncias magnéticas para dores de costas são dispendiosas, e os exames de imagiologia desnecessários tinham-se ultimamente tornado uma importante questão nacional de ênfase na redução de despesas. Mas o valor de um exame depende também do que se procura: as radiografias são em geral inúteis para o cancro. Ainda assim, para muitos médicos, mandar fazer uma ressonância magnética numa fase tão prematura é uma heresia. Ela continuou: — As radiografias não são perfeitamente sensíveis, mas faz sentido começar por aí.

— E se fizéssemos raios-X em flexão-extensão, então... talvez o diagnóstico mais realista aí fosse espondilolistese ístmica?

Pelo reflexo do espelho na parede, vi-a a pesquisar no Google.

— É uma fratura parcial que afeta até cinco por cento das pessoas e é causa frequente de dores de costas na juventude.

— OK, vou pedi-los então.

— Obrigado — disse eu.

Porque era eu tão assertivo com farda de cirurgião mas tão dócil com bata de doente? A verdade é que eu sabia mais de dores de costas do que ela — metade da minha formação como neurocirurgião envolvia desordens da espinha. Mas talvez uma espondilolistese *fosse* mais provável. Afetava de facto uma percentagem significativa de jovens adultos... e cancro na espinha na casa dos trinta? As probabilidades de isso se dar não podiam ser superiores a uma em dez mil. Mesmo que fosse cem vezes mais comum que isso, seria ainda assim menos comum que uma espondilolistese. Talvez eu estivesse simplesmente paranoico.

As radiografias pareciam ótimas. Atribuímos os sintomas a trabalho árduo e ao peso da idade, marcámos uma consulta de acompanhamento, e lá fui eu finalizar o meu último caso do dia. A perda de peso abrandou, e a dor de costas tornou-se tolerável.

Uma boa dose de ibuprofeno fazia-me aguentar o dia e, no final de contas, não faltavam assim tantos destes esgotantes dias de catorze horas. O meu percurso de estudante de Medicina para professor de Neurocirurgia estava quase completo: após dez anos de implacável formação, estava determinado a perseverar durante os próximos quinze meses, até terminar o internato. Granjeara o respeito dos meus superiores, ganhara prestigiantes galardões nacionais e estava a processar ofertas de trabalho de várias grandes universidades. O meu orientador de formação em Stanford mandara-me sentar recentemente e dissera: — Paul, acho que vais ser o candidato número um para qualquer trabalho a que te proponhas. Só para tua informação: vamos iniciar uma busca universitária de alguém como tu aqui. Nada de promessas, claro está, mas é algo que deverás considerar.

Aos trinta e seis anos de idade, atingira o topo da montanha; podia ver a Terra Prometida, de Guilead a Jericó e ao Mar Mediterrâneo. Nesse mar podia ver um belo catamarã em que Lucy, os nossos hipotéticos filhos e eu zarparíamos aos fins de semana. Podia ver a tensão nas minhas costas ceder à medida que o meu horário de trabalho abrandava e a vida se tornava mais fácil de gerir. Podia ver-me a tornar-me finalmente o marido que prometera ser.

Então, umas semanas mais tarde, comecei a ter ataques de dores agudas no peito. Teria chocado contra alguma coisa no trabalho? Quebrado de alguma forma uma costela? Havia noites em que acordava nos lençóis ensopados, a escorrer suor. O meu peso começou a descer de novo, agora mais rapidamente, de 79 para 65 quilos. Desenvolvi uma tosse persistente. Poucas dúvidas restavam. Um sábado à tarde, Lucy e eu estávamos estendidos ao sol no Dolores Park em São Francisco, à espera de nos irmos

encontrar com a sua irmã. Ela deu uma olhadela ao ecrã do meu telemóvel, onde se viam resultados de pesquisa numa base de dados médicos: «Frequência de cancros entre os trinta e quarenta anos».

— O quê? — disse ela. — Não me tinha apercebido de que estavas de facto preocupado com isto.

Não respondi. Não sabia o que dizer.

— Queres falar disso comigo? — perguntou-me.

Estava chateada porque andava preocupada também. Estava chateada porque eu não falava do assunto com ela. Estava chateada porque eu lhe prometera uma vida e lhe tinha dado outra.

— Podes dizer-me por favor porque não te abres comigo? — perguntou.

Desliguei o telemóvel. — Vamos comer um gelado — disse.

\*

Tínhamos marcado uns dias de férias para a semana seguinte, para irmos visitar alguns amigos de faculdade em Nova Iorque. Talvez uma boa noite de sono e uns quantos *cocktails* nos ajudassem a reforçar a nossa união e a descomprimir a panela de pressão do nosso casamento.

Mas Lucy tinha outro plano. — Eu não vou a Nova Iorque contigo — anunciou uns dias antes da viagem. Ia sair de casa por uma semana; queria um tempo para considerar o estado do nosso casamento. Falou num tom calmo, o que só reforçou a vertigem que senti.

— O quê? — disse. — Não.

— Amo-te tanto, e é por isso que isto tudo é tão confuso — disse ela. — Mas receio que queiramos coisas diferentes da nossa

relação. Sinto que estamos ligados pela metade. Não quero ficar a saber das tuas preocupações acidentalmente. Quando te falo em sentir-me isolada, tu não pareces achar que seja um problema. Preciso de fazer algo diferente.

— As coisas vão ficar bem — disse eu. — É apenas o internato.

Estariam as coisas realmente assim tão mal? A formação em Neurocirurgia, entre as mais rigorosas e exigentes de todas as especialidades médicas, trouxera seguramente uma tensão ao nosso casamento. Eram tantas as noites em que eu chegava tarde do trabalho, depois de Lucy se ter deitado, e caía prostrado no chão da sala de estar, exausto, e tantas as manhãs em que saía para o trabalho de noite ainda, antes de ela acordar. Mas as nossas carreiras estavam agora a atingir o auge — a maior parte das universidades queriam-nos a ambos: a mim em neurocirurgia, e a Lucy em medicina interna. Sobrevivêramos à parte mais difícil do nosso percurso. Não o discutíramos já uma dúzia de vezes? Não percebia ela que esta era a pior altura possível para dar cabo de tudo? Não via ela que só me faltava um ano de internato, que a amava, que estávamos tão perto da vida a dois que sempre quiséramos?

— Se fosse só o internato, aguentava — disse ela. — Chegámos até aqui. Mas o problema é, e se *não* é só o internato? Achas mesmo que as coisas melhorarão quando fores assistente de neurocirurgia?

Ofereci-me para desistir da viagem, abrir-me mais, consultar o terapeuta de casais que Lucy sugerira uns meses antes, mas ela insistiu que precisava de tempo... sozinha. Nesse ponto, a nebulosidade da confusão dissipou-se, apenas deixando uma nota de aspereza. Muito bem, disse eu. Se ela decidia sair de casa, então partiria do princípio de que a relação acabara. Se se descobrisse

que eu tinha cancro, não lhe diria — seria livre de viver a vida que escolhesse.

Antes de partir para Nova Iorque, arranjei tempo para umas consultas médicas para descartar alguns cancros comuns na juventude. (Testicular? Não. Melanoma? Não. Leucemia? Não.) O serviço de neurocirurgia estava cheio, como sempre. Quinta-feira à noite passou a sexta de manhã comigo preso na sala de operações durante trinta e seis horas de seguida, com uma série de casos bastante complicados: aneurismas gigantes, bypasses arteriais intracerebrais, malformações arterio-venosas. Soprei um agradecimento mudo quando o assistente chegou, dando-me uns minutos para aliviar as costas contra uma parede. A única altura para fazer um raios-X ao tórax foi ao sair do hospital, a caminho de casa antes de ir para o aeroporto. Pensei que, ou tinha cancro, caso em que seria a última vez que via os meus amigos, ou não tinha, caso em que não havia necessidade de cancelar a viagem.

Corri até casa para apanhar as malas. Lucy levou-me ao aeroporto e disse-me que nos tinha marcado uma terapia de casal.

Da porta de embarque, enviei-lhe uma mensagem escrita: «Quem me dera que aqui estivesses.»

Uns minutos depois, chegou a resposta: «Amo-te. Estarei aqui quando regressares.»

As minhas costas ficaram terrivelmente contraídas durante o voo e, quando finalmente cheguei à Grand Central para apanhar um comboio para casa dos meus amigos mais a norte, o meu corpo vibrava de dor. Ao longo dos últimos meses, tivera espasmos nas costas mais ou menos ferozes, de simples dor ignorável a dor que me fazia calar e cerrar os dentes, a dor tão aguda que me enroscava no chão, a gritar. Esta dor estava mais próxima da extremidade

aguda do espectro. Estendi-me num banco duro na zona de espera, sentindo os músculos das costas contorcerem-se, respirando para controlar a dor — o ibuprofeno de nada servia aqui — e nomeando cada músculo a cada espasmo para reprimir as lágrimas: sacroilíolombar, romboide, grande dorsal, piriforme...

Um segurança aproximou-se. — Senhor, não pode estar aqui deitado.

— Peço desculpa — disse, falando em arquejos. — Dores... horríveis... de costas.

— Ainda assim não pode estar aqui deitado.

*Peço desculpa, mas estou a morrer de cancro.*

As palavras acudiram-me à língua... mas, e se não estivesse? Talvez isto fosse simplesmente com o que vivem as pessoas com dores de costas. Eu sabia imenso sobre dores de costas — a sua anatomia, a sua fisiologia, as diferentes palavras que os doentes usavam para descrever diferentes tipos de dor — mas não sabia qual era a *sensação*. Acaso fosse mesmo isto. Acaso. Ou acaso eu não quisesse agoirar. Acaso simplesmente não quisesse dizer a palavra *cancro* em voz alta.

Levantei-me com esforço e manquei até à gare.

A tarde chegava ao fim quando cheguei à casa em Cold Spring, oitenta quilómetros a norte de Manhattan e sobranceira ao Rio Hudson, e fui acolhido por uma dúzia dos meus amigos mais próximos de tempos passados, as suas saudações de boas-vindas mescladas com a cacofonia de crianças pequenas e felizes. Sucederam-se abraços, e fui percorrido de um sombrio e tempestuoso calafrio.

— A Lucy não vem?

— Uma situação inesperada de trabalho — disse eu. — Coisa de último minuto.

— Oh, que chatice!

— Digam-me, importam-se que vá pousar as malas e descansar um bocadinho?

Tivera esperança de que uns dias fora do Bloco Operatório, com sono adequado, repouso e descontração — em suma, um gostinho de vida normal — recambiassem os meus sintomas para o espectro normal das dores de costas e fadiga. Mas ao fim de um ou dois dias, tornou-se claro que não iria haver tréguas.

Dormia saltando o pequeno-almoço e arrastava-me para a mesa do almoço para fitar pratadas de feijoada e patas de caranguejo que simplesmente me sentia incapaz de comer. Ao jantar, estava exausto, pronto para voltar para a cama. Por vezes lia aos miúdos, mas a maior parte do tempo eles brincavam em cima de mim ou à minha volta, aos pulos e gritos. («Meninos, acho que o Tio Paul precisa de descansar. Porque não vão brincar mais para ali?») Lembrei-me de um dia de férias como orientador de um acampamento de verão, quinze anos antes, sentado na margem de um lago na Califórnia do Norte, com um bando de efusivos miúdos a fazerem de mim um obstáculo num retorcido jogo de Rouba-Bandeira, enquanto eu lia um livro chamado *Morte e Filosofia*. Costumava rir-me das incongruências desse momento: um rapaz de vinte anos, entre o esplendor de árvores, lago, montanhas, o chilrear dos pássaros misturado com os guinchos felizes de crianças de quatro anos, de nariz enterrado num pequeno livro preto sobre a morte. Só agora, neste momento, sentia o paralelismo: em vez do Lago Tahoe, era o Rio Hudson; as crianças não eram filhos de estranhos, mas dos meus amigos; em vez de um livro sobre a morte a separar-me da vida à minha volta, era o meu próprio corpo, a morrer.

Na terceira noite, falei com Mike, o nosso anfitrião, e disse-lhe que ia encurtar a viagem e voltar para casa no dia seguinte.

— Não pareces estar em grande forma — disse ele. — Está tudo bem?

— Que tal arranjarmos um copo de uísque e sentarmo-nos? — disse eu.

Diante da sua lareira, disse: — Mike, acho que tenho cancro. E não é do bom, tão-pouco.

Fora a primeira vez que o dissera em voz alta.

— OK — disse ele. — Parto do princípio de que isto não é nenhuma piada de mau gosto...

— Não.

Ele fez uma pausa. — Não sei o que perguntar ao certo.

— Bem, suponho que, em primeiro lugar, devo dizer que não sei se tenho de *facto* cancro. Estou apenas quase certo disso... muitos dos sintomas apontam nesse sentido. Irei para casa amanhã apurá-lo. Espero estar errado.

Mike ofereceu-se para me ficar com a bagagem e enviá-la por correio, para eu não ter de a carregar comigo. Levou-me ao aeroporto cedo na manhã seguinte, e seis horas mais tarde aterrei em São Francisco. O meu telemóvel tocou assim que saí do avião. Era a minha médica de clínica geral, com o resultado da radiografia ao tórax: os meus pulmões, em vez de aparecerem límpidos, pareciam turvados, como se a abertura da câmara tivesse estado demasiado tempo exposta. A médica disse não ter a certeza do que aquilo significava.

Provavelmente sabia o que significava.

Eu sabia.

Lucy foi buscar-me ao aeroporto, mas esperei até chegarmos a casa para lhe dizer. Sentámo-nos no sofá e, quando lhe disse, ela já sabia. Apoiou a cabeça no meu ombro, e a distância entre nós eclipsou-se.

— Preciso de ti — sussurrei.

— Jamais te deixarei — disse ela.

Ligámos a um amigo chegado, um dos neurocirurgiões assistentes no hospital, e pedimos-lhe que me internasse.

Recebi a pulseira de plástico que todos os doentes usam, vesti a familiar bata azul-clara do hospital, passei pelas enfermeiras que conhecia de nome, e fui admitido num quarto — o mesmo quarto em que vira centenas de doentes ao longo dos anos. Neste quarto, sentara-me com os doentes a explicar diagnósticos terminais e complexas operações; neste quarto, felicitara doentes por estarem curados de uma doença e vira a sua felicidade por retomarem as suas vidas; neste quarto, declarara doentes mortos. Sentara-me nas cadeiras, lavara as mãos no lavatório, rabiscara instruções no quadro, alterara o programa operatório. Chegara até, em momentos de completa exaustão, a ansiar por me deitar nesta cama e dormir. Agora ali estava, bem acordado.

Uma jovem enfermeira, que eu não conhecia, espreitou pela porta.

— O doutor não tarda aí.

E com isso, o futuro que eu imaginara, aquele prestes a realizar-se, o culminar de décadas de esforçada luta, evaporou-se.